

APÊNDICE H – **Entrevista com Raimundo Gonçalves Gama**
(em 24/02/2015)

Classificação: professor

J. (entrevistador): Bem. Nós estamos hoje com o professor Raimundo Gama. Professor, o senhor poderia me dar seu nome completo?

Raimundo Gama: Raimundo Gonçalves Gama.

J. (entrevistador): Sua profissão já tá evidente que é professor. Sua idade?

Raimundo Gama: 78 anos e dez meses.

J. (entrevistador): Situação civil?

Raimundo Gama: Casado.

J: Endereço?

R. G: Rua Itapetingui, número 26, Mar da Tranquilidade, Feira de Santana.

J: Se eu lhe solicitasse que o senhor me declarasse sua cor o senhor me responderia?

R. G: Branca.

J: Fale um pouco sobre seus parentes antigos, pais, avós, tios, bisavós.

R. G: Eu me lembro mais na realidade é de meus pais, e de meu avô materno. Porque quando eu nasci já tinha falecido minha avó materna. E também os avós paternos. Então mais é o avô materno e meus pais. Eles eram fazendeiros na região de Cícero Dantas. E eu até os seis anos me relacionei com meu avô materno. Era um homem que gostava de...até na época eu estranhava que ele...mais tarde eu estranhei, porque ele lia. Ele gostava de ler. Não só a Bíblia, como muitos antigamente liam mais a Bíblia, mas era mais a literatura portuguesa e a literatura inglesa. Livros traduzidos. O avô materno. E meu pai era mais fazendeiro. E minha mãe tomava mais conta porque teve nove filhos e ainda criou dois. É, meus pais, eu sempre preservo a memória deles, porque eu disponho de um arquivo, sobre a minha vida, a de minha esposa, de minha filha, e também de meus pais e alguns irmãos. Que foram nove.

J: O senhor pode descrevê-los fisicamente?

R. G: Meu pai era um homem de 1,74 m. Vamos dizer assim. Alto, ágil, morreu relativamente p'ra época de hoje, jovem. Porque ele morreu em 64, com 74 anos. Era um homem muito comunicativo, e cativava muito as pessoas nos seus negócios. Ele criava animais, boi mais, e ali o relacionamento dele era não só vinculado a Cícero Dantas, como a Ribeira do Pombal, até Feira de Santana ele chegou a ter contato. Era um homem que p'ra época era muito avançado, porque o processo de comunicação dele



era muito leal e agradável. Minha mãe era uma mulher ligada à criação dos filhos, tinha uma personalidade muito forte,...

J: Mais que seu pai?

R. G: Não. Quase que equiparava. Mas se formos pesar, talvez um pouquinho mais. E ela além de cuidar da casa e dos filhos, ela também costurava, gostava de fazer essas costuras interessantes, e por último ela já com 90 anos, 85 anos, ela fazia umas cobertas chamadas cobertas de taco. Bonitas, com forro, uma coberta quente. Ela dava, doava a instituições e vendia.

J: Ela estudou?

R. G: Não. Na época dela, ela sabia ler, meu pai também, mas aprendeu assim em fazenda. Comércio escola chamado.

J: O senhor morou algum tempo em Cícero Dantas também?

R. G: Não. Eu cheguei aqui em Feira de Santana aos cinco, seis anos.

J: Mas, o senhor viveu na fazenda também?

R. G: Na fazenda eu nasci e fiquei cinco anos e meio.

J: Tá bom. O senhor lembra se havia festa nesses locais?

R. G: Na fazenda Lagoa Grande de meus pais, e de meu avô materno, existia uma missão. É tanto que lá tinha uma capela, na fazenda de meu avô, cemitério e uma missão religiosa. E tinha uma festa anual.

J: O senhor se lembra o nome da missão? Tinha um nome?

R. G: Não. Não me lembro. Mas, eu me lembro bem que p'ra essa região, como se fosse uma novena aqui nos Capuchinhos por exemplo, era um momento agradável p'ra todos, p'ra criançada, era bom p'ra todos de um modo geral. Me lembro muito das cantorias, das cantigas religiosas.

J: Sim. Hinos, essas coisas?

R. G: Não. As festas religiosas, com as cantigas, ladainhas, é isso que eu me recordo.

J: O senhor tem uma religião?

R. G: Eu fui criado sob a égide do catolicismo não é? Religião cristã. E até hoje eu tenho altos e baixos em relação a crença.

J: Mas sabe algumas orações, né?

R. G: Muito pouco. Muito pouco. Porque eu fui da juventude comunista. Estudei fora do Brasil. Eu fui quase um profissional revolucionário, não é?

J: Aah! É, né? Isso em que época, mais ou menos, professor?

R. G: De 60 a 64.

J: Conheceu algum político influente aqui em Feira?

R. G: Não, porque eu ...minha vida foi quase toda fora de Feira. Em Salvador, depois Rio e depois no exterior.

J: Em que locais?

R. G: No exterior eu estudei dois anos na Rússia. Fiz estágio seis meses na China. Depois estudei mais recentemente, muito na França, morei. Agora em termos de política aqui, depois eu me relacionei que deixei a vida partidária, deixei legalmente, fui e disse olha, não vou mais ser membro, que o estatuto diz que posso deixar de ser, embora continue até hoje, eu me acho um homem progressista. Mas, me relacionei aqui com João Durval Carneiro.

J: É. Por aí se tira que é progressista mesmo. Membro do Partido Comunista, né? Sim, voltando sobre os rituais da Igreja, você se lembra de algum ritual que seus pais participavam além da Missa?

R. G: Não. Não me recordo não. Me recordo mais do...como criança, das barraquinhas de doce, de brinquedo, quermesse, esse vai e vem das festas de largo.

J: O senhor gosta de esportes?

R. G: De praticar esportes, não. Mas, aprecio um pouco hoje, mais pela televisão, alguns jogos da seleção brasileira, de um time carioca, Vasco da Gama, e apenas o que eu gosto do esporte, é na parte do esporte amador. As Olimpíadas me cativa um pouco. Como por exemplo aquele espetáculo no gelo, a dança rítmica, e a disputa sadia, me alegra. A disputa sem vínculo lucrativo.

J: Bom, mas o senhor praticou algum esporte?

R. G: Não. Ah, sim. Enquanto eu estudei na Rússia, eu fiz esporte mais por necessidade de não tá parado, o esporte diz que há e basicamente e internamente aliás, é o pingue pongue.

J: A quem o senhor credita maior responsabilidade pela sua educação?

R. G: Meus pais mesmo. Meus pais, a minha mãe, é sempre foi muito...sempre pensou muito em dar uma boa educação aos filhos e por isso, veio p'ra Feira de Santana que tinha já cursos que não tinham em Cícero Dantas. Veio por isso. Então ela é que acompanhou e que deu a gente essa possibilidade de estudar e acompanhou sempre nossos estudos.

J: Sim. Qual é a sua maior formação curricular?

R. G: Minha maior formação curricular. A maior mesmo foi o curso que eu fiz na Universidade Federal da Bahia, e duas pós-graduações que eu fiz na França. Uma em Seven, no Instituto Internacional de Estudo Pedagógico, fui bolsista, e outra também que eu fui bolsista na Sorbone.

J: Bem. Eu gostaria agora que o senhor me descrevesse, aquilo que lembra da zona rural. Me descreva por exemplo, casas, fazendas, capelas, enfim como eram.

R. G: O que eu me lembro da zona rural, a minha participação como criança até seis anos, o que eu me lembro muito é como criança a gente fazia arapucas, p'ra pegar pássaros. Fazia gaiolas p'ra pegar pássaros. Pegava pássaros às vezes com visgo de jaca. Me lembro muito da...é me encantava, porque até hoje eu tenho um traço de ligação com os reservatórios de água. Porque os reservatórios de água, tinham uma vegetação extra. Bonita. E além disso, o cântico dos animais, vamos dizer assim, que viviam a depender da água, e da vegetação dos tanques, como a gente chamava...das fontes. Além disso, a...como tinha a colheita, feijão, milho, mandioca, não é? Fazer a farinha, meu pai fazia em quantidade. E sempre tinha os cânticos. E isso, me trouxe aos cantos das badameiras, aí dos alagados. Quando eu via aquele grupo trabalhando e cantando, o chamado batalhão, que é um grupo de homens trabalhando, ou um grupo de mulheres também debulhando o milho, raspando a mandioca, me lembro muito disso. Outra coisa que me encantava é...os animais que eram cuidados com carinho. Tinham um certo apego aos animais, as pessoas, os arreios, as doenças dos animais, me lembro muito disso. A beleza dos animais. Isso é o que me recordo.

J: Locais de grande concentração de moradias tanto dos mais humildes como dos mais ricos. O senhor já me descreveu um pouco dessas paisagens que existia. Mas, se o senhor tiver mais algo a dizer, sobre as moradias, por favor.

R. G: Esta contradição na zona rural existe até hoje. Não na zona rural próxima as grandes cidades ou as cidades médias. Mas, existe até hoje. As casas das pessoas da classe média, vamos dizer assim, de posse, essas casas tinham mais conforto, tinham iluminação, mais higiene, mais utensílios domésticos que eram renovados com o avanço. A parte também de higiene e de limpeza, a parte de móveis. As casas mais humildes não tinham as vezes nem onde depositar a água que eles bebiam. Ou quando tinham eram os chamados porrões, ou potes, quebrados, emendados. Ou bebiam também às vezes na cuia de cabaça, feita de cabaça. Não tinham iluminação adequada e piso nem se fala, era um piso de chão, de areia. Usava ainda, eu me lembro que em determinados locais, eu fazia perguntas mais tarde aos meus pais, sobre as camas de vara. Existiam sim, na época. Como existem até hoje. Cama de vara. Isso mostra a diferença entre os ricos e os pobres. Os excluídos e os que tem posse.

J: Sim. Bom, pelo que o senhor disse vocês tiveram animais domésticos. Que dificuldades existiam com esse tipo de criação?

R. G: A única dificuldade que tinha era quando ele adoecia. As chamadas bicheiras nos animais. O trato era com creolina. Era o confinamento dos animais, ou então quando

eles queriam ultrapassar os limites, ia até a cerca de arame farpado e se feria. É que também marca muito a gente que observa essas coisas.

J: Já que o senhor falou em cerca, me descreva os tipos de cerca que o senhor conheceu?

R. G: As cercas, na época em que eu convivi e depois um pouco mais tarde, ligeiramente eu vi, eram os chamados valados, que eram escavações no trecho de seguir a cerca, e se plantava gravatá, porque plantar com madeira requer o arame e o arame era caro, e era difícil. Com o surgimento mais tarde e o barateamento do arame, então seria a madeira, o arame, o valado continuava com a cerca de gravatá, ou varas, ou varetas trançadas. Fazia-se cerca também nesse modelo.

J: Bem. Vamos falar um pouco mais sobre Feira de Santana pela vivência maior que o senhor teve na Cidade. O senhor se recorda das estradas, rotas de comércio e o centro de comércio?

R. G: Na realidade eu não convivi muito em Feira de Santana a não ser na época de estudante de ginásio. Mais tarde eu lendo sobre Feira e gosto de acompanhar um pouco Feira de Santana, na sua história, na presen...As estradas, marcantes em Feira eram essas estradas que vinham da região hoje de Ipirá, Irará e que chegavam aqui na hoje Conselheiro Franco, nos Olhos D'água, nos Eucaliptos (bairros da cidade). Essa é a chamada estrada de boiada, é a estrada que os tropeiros andavam, é a estrada que foram instaladas algumas pensões ou hospedarias, alguns comércios, sobretudo comércio de cordas, de querosene, de carne de charque, foram todos nessa área aqui. E esta estrada aqui foi assim, a estrada que mais demorou na vida de Feira de Santana. Foi nessa estrada que não só o tropeiro, o boiadeiro e as pessoas que queriam visitar Feira, ou sair de Feira, indo em direção de São Gonçalo e Cachoeira... Essa estrada era também dos compradores de gado. Os alemães vieram por aqui comprar gado, p'ra Salvador, p'ra Dias D'ávila, passaram por essa estrada. E tem aquela estrada que ligava Feira, onde tem aquela ponte sobre o rio de Jacuípe que caiu, desmoronou, ela é uma estrada histórica também porque com a ponte, houve um maior afluxo do comércio atacadista.

J: O senhor tá se referindo à ponte do Rio Branco?

R. G: É. A ponte do Rio Branco.

J: Naquela época que o senhor chegou aqui, ainda se usavam tropas de burro?

R. G: Não. Usava-se pouco. Chegando na periferia ou no Campo de Gado, usava mais o jumento com barris d'água, se usava ainda na época. E além de barris vinha muita coisa nos chamados caçuás (jacá) na cangalha. Que trazia as frutas, a batata, o inhame, o aipim, e as frutas de modo geral, vinham nesses caçuás, nesses animais. Tinha uma cangalha e ali eram colocados os caçuás dependurados.

J: Certo. Então o senhor está me dizendo que nesse caso, é um migrante para Feira de Santana?

R. G: É.

J: Além da batata, do inhame do aipim que outros produtos se recorda que eram comercializados aqui na feira?

R. G: Em quantidade, em termos de frutas, a manga, o abacate, o caju. O que eu me lembro mais com destaque. E em termos de leguminosas, o feijão de corda e o feijão mulatinho, e algumas verduras.

J: O senhor se recorda se haviam fazendas aqui próximo da Cidade?

R. G: Havia fazendas sim. Estas fazendas...grandes fazendas e pequenas. Elas geraram aqui um comércio muito grande que era o comércio do couro curtido. Couro de gado. Essas fazendas é que propiciaram, não só o desenvolvimento econômico, não só desenvolvimento do capital, não só acumulação de bens, mas também geraram duas coisas: os cortumes, trato do couro. E os utensílios usados nos animais p'ra os arreios. Também em virtude dessas fazendas ao redor de Feira. Porque Feira já foi um Município grande produtor agropecuário. Hoje não é mais não.

J: O senhor já me citou as cantigas das badameiras, dos trabalhadores, enfim, que outros hábitos mais o senhor se recorda daqui de Feira de Santana?

R. G: Aqui em termos de cantiga, ainda existe com destaque o samba de roda, a bata do feijão, ainda existem alguns tipos de modinhas de cantoria de Reis, mais do que no São João. Hoje ainda mais do que no São João. Eu diria que Feira teve uma época que o São João predominava nas fazendas, nas roças, no interior do Município, nos distritos, nos povoados e na própria sede, o São João era muito rico. Não só rico em termos de bebida, de comida, ou cantoria, mas também rico na comunicação. Era uma alegria, a família, a cidade, o povoado, receber pessoas chamadas estranhas, que não era do local. Feira já teve uma grandiosidade em termos de São João, no entanto se perdeu isso e não se aproveitou porque o mundo moderno desviou essas coisas boas da região.

J: Então o senhor está creditando à modernidade esta supressão dessa riqueza?

R. G: É. É a modernidade. A modernidade exigiu outras coisas que não tem...é aquele mesmo processo, eu insisto no processo do relacionamento entre as pessoas. Não tem isso mais.

J: Você lembra de algum religioso que marcou a vida assim, da comunidade?

R. G: Se fala muito em alguns religiosos como padre Ovídio, se fala muito no padre Heitor, e hoje se fala muitíssimo em Monsenhor Renato Galvão. Por que? Porque se padre Ovídio teve uma obra social, Heitor teve uma participação assim, muito doutrinária, em termos até...é teológico, não diria filosófico. E Galvão não. Ele fez certas pesquisas, criou o Centro de Estudos Feirense. E trabalhou um pouco a história do Município. Então, Galvão deixou uma marca muito grande, e hoje muitos pesquisadores tem que ir a Galvão ou o Centro de Estudos Feirense.

J: Vamos falar agora de outro tipo de religioso. Curador?

R. G: Não tenho assim muita informação ou tendência de observar isso, toda a civilização, qualquer parte da civilização terrenal, qualquer parte do planeta Terra, você encontra os curadores. Você quando criança, eu também, vimos muitos filmes que identificavam isso. Determinadas civilizações, na terra. Agora, aqui, Feira, a única coisa que a gente...há uma presença de curadores. Uma influência, um pouco da origem africana. A partir do Recôncavo, de Cachoeira e Feira também, porque a proximidade de Feira é muito grande de Cachoeira. Mesmo, vivemos sob o domínio dela. Agora, uma coisa. Na modernidade, tem grande evidência em qualquer parte também do mundo. É...as chamadas cartomantes. Feira tem um grupo que faz uma divulgação muito grande através de volantes.

J: E parteiras?

R. G: Não. A única coisa que eu posso dizer de parteira, dentro de uma reflexão real, é que todos os nove filhos de minha mãe foram, tiveram os partos feitos por parteira. A partir daí é que a gente pode concluir que...Ah! Lembrei. Eu tive uma irmã mais velha do que eu, hoje ela tem 86 anos, mora em Aracaju, morou na Cidade Nova (bairro), foi parteira!

J: Seus amigos, pessoas de destaque na cidade?

R. G: Eu sempre tive a tendência de ter alguns amigos e manter essa amizade. E sempre eu digo, conhecidos e amigos. Até hoje eu digo: você é meu conhecido, não é meu amigo! Meu amigo é diferente. Mas, como é diferente? É diferente na lealdade, no trato, na necessidade sempre se encontrar, na necessidade de conversar, na necessidade até de inventar coisas, de mentir, às vezes até em termos de amizade, ou na dificuldade também. Procuro ali, nos conhecidos mais próximos, no relacionamento evidentemente muito mais enfático do que aquele que passa e a gente dá bom dia, boa tarde. Agora, amigo eu tenho alguns, Roberto Torres, Roberto Farias Torres. É um grande amigo meu. Antonio José Laranjeiras (jornalista) é um grande amigo meu. Eduardo Kruschewsky, é um grande amigo meu. Osvaldo Ventura é um grande amigo meu. Anchieta Nery que foi uma cria, eu que ajudei ele em Feira de Santana. Ele me chama de pai. É um amigo. E esses amigos eu mantenho sempre contato.

J: Sim. Vamos falar um pouco agora. Na Segunda Guerra, o que a gente poderia trazer de memórias aqui em Feira de Santana?

R. G: Em Feira de Santana, o que a gente poderia trazer de lembranças? Temos duas personalidades que divulgaram muito as ações de feirenses, baianos reflexos da Segunda Guerra. Dois ex-combatentes: Arlindo Barbosa, Capitão Arlindo. E (Antonio) Lagedinho. Que é esse que a gente chama Lagedinho. Eles lideraram aqui a construção do Ex-combatente. Não só a construção de uma casa. Houve sempre palestras, reuniões, eles comemoravam o dia do ex-combatente como comemoravam o dia da vitória da

coligação. Participavam do desfile do 7 de setembro. Eles tinham uma certa importância junto as determinadas decisões em Feira de Santana. Esses dois se destacavam.

J: Certo. Aqueles momentos mais difíceis do século XX. Qual você destacaria? Entre seca, falta d'água, momentos de crise.

R. G: Seca, não é? Você falou seca. As chamadas Guerras Mundiais de 14 e de 45. Mas, é o século XX, que consolida a Revolução Industrial, traz na sua estrutura, certas doenças sociais que antes, nos séculos dois três antes de nossa era, como muitos dizem antes de Cristo, as chamadas doenças coletivas, sociais, como a peste bubônica por exemplo, que Feira teve a peste bubônica, não no século XX. Mas, no século XX, predominou certo tipo de doença que em termos sociais e econômicos não deviam predominar. A tuberculose, a AIDS. Apareceram de uma maneira gigantesca. A poliomielite. Extraordinário porque destruiu um bom número da população mundial.

J: Agora eu gostaria que o senhor me descrevesse a área urbana de Feira de Santana. O que o senhor delimitaria como a cidade do período quando chegou aqui?

R. G: Quando nós chegamos aqui, a cidade tava crescendo como eu. Uma série de limitações em termos de atividade pública. De investimento público. Desde a água, da iluminação, do esgoto, do calçamento. A ausência de comunicação, ausência de eletricidade, ausência de medicina. Isso que...Rui Barbosa veio aqui em 1919, e lamentou que Feira não tivesse ainda água encanada.

J: Principais clubes de recreação e filarmônicas de Feira de Santana?

R. G: Clubes sociais, os principais. O Feira Tênis Clube, a Euterpe Feiranse, o Clube de Campo Cajueiro, a Filarmônica 25 de março, a Vitória, o Ali Babá, o chamado Clube dos Bancários a AABB. Esses clubes sociais, todos hoje, praticamente não existem mais. Nenhum.

J: E entidades como a Maçonaria?

R. G: Sim. Afora esses clubes sociais, vamos dizer assim. A Maçonaria ela sempre cresceu muito em Feira, até hoje. O Rotary Clube cresceu também. O Lions Clube teve uma vida muito intensa em Feira de Santana, mas deixou de existir, inclusive aquele Museu Casa do Sertão foi feito quando eu era presidente do Lions Clube. Mas, também a época de hoje, a época moderna tá acabando com esses clubes sociais. Tá desfigurando, tirando o homem daquele caminho da participação coletiva.

J: E o lazer?

R. G: Muito pouco em Feira. Muito pouco. Agora é tá surgindo certos condomínios, com parques, com salões de festa, mas fora aquelas festas dos clubes sociais, o lazer na vida coletiva, muito pouco no São João, a número um seria, é ainda a Micareta, e a exposição de gado.

J: Sobre partidos políticos? E pessoas de destaque da política?

R. G: As pessoas de destaque da política...vamos dizer assim, partido, por muito tempo foi UDN e PSD. Depois ARENA, depois sempre, hoje PC...PSDB, PT, DEM. Líderes tipo Feira no plano político, a família Fróes da Mota, os Marinho Falcão com os filhos, sobretudo Wilson Falcão, João Falcão. No plano político ainda nesta época, Arnold Silva se destacou. Mais com João Durval, o próprio Colbert, José Falcão. E os atuais líderes modernos que p'ra mim não tem a marca...

J: ...Desse pessoal, não é?

R. G: É.

J: A mídia, escrita, falada e os comunicadores?

R. G: Aqui em Feira de Santana nós encontramos muitos jornais na história. Mas, a mídia predominante sempre foi rádio. Eu mesmo fundei em Feira um jornal, o Feira Hoje. Mas, as rádios sempre comandaram e comandam a comunicação em Feira. Destacando uma grande liderança em termos de rádio, Pedro Matos por exemplo. É um nome que tem que ser estudado porque ele soou na comunicação. E não há como voltar a imprensa talvez, com o jornal escrito aí... não sei. Mas o rádio continuou.

J: Mas, por que o senhor acha que o jornal, não tem mais espaço p'ra ele?

R. G: Tem espaço. Mas, no meu ponto de vista, há um descaminho da população em relação a informática. Porque o que você encontra...não sei se você está de acordo, mas o que você encontra na Internet, num percentual bem grande é incompleto. E vai aperfeiçoando evidentemente, vai haver um aperfeiçoamento. E a comodidade de se ler num tablet por exemplo, num visor, ler, pronto. Só isso.

J: Além daqueles militares que o senhor citou, que outras unidades militares a gente encontrava em Feira de Santana no período?

R. G: Aqui teve o Tiro de Guerra, mais tarde veio o batalhão do Exército. O 35º BI. Mais tarde veio um batalhão da Polícia Militar.

J: Escolas, colégios?

R. G: Ah! Feira de Santana nesse particular se destaca. Porque tem um bom número de grupos escolares, e houve um avanço, porque as escolas nasceram de uma maneira isolada e aos poucos foram, mesmo na zona rural, foi criado o grupo escolar p'ra socializar mais a criança, o educando, mais tarde surgiu a Faculdade Estadual de Educação, a Universidade Estadual de Feira de Santana, vieram outras entidades de ensino superior, o Nobre, FTC e FAT. Em termos de educação, Feira até que deu um salto.

J: Bem professor Raimundo, só me resta lhe agradecer e lhe dizer que vou retornar p'ra gente prosseguir alguma coisa que a gente não conseguiu ainda hoje concluir.